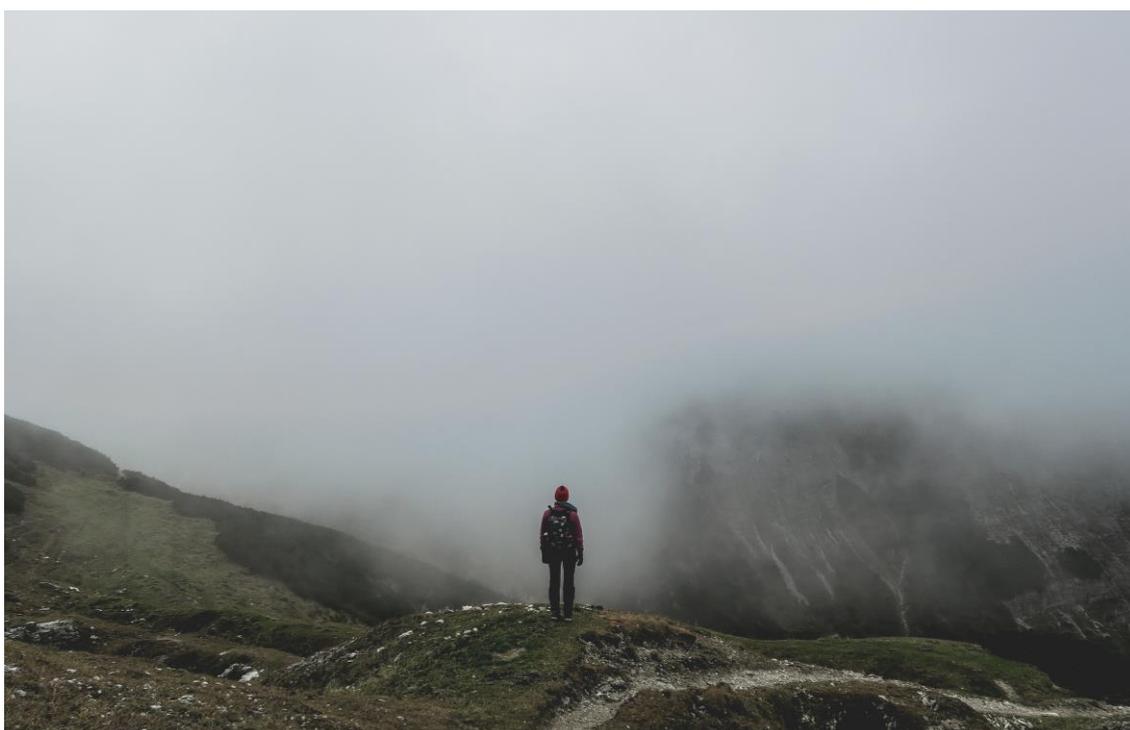


# Janelas para o Mundo

João Belchior



**elefante**   
editores  
**2022**

# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Orquídeas

---

Entre os passos da manhã  
lá estarias tu, nua, fria  
nos aposentos do amor  
à espera d'algo que eu já não te poderia dar.

Com a entrada da Lua  
lá estaria eu, só, vestido  
no lodo da remissão.  
Garrafas espalhadas pelo chão  
sem lugar nenhum para ir.

(O nosso livro ainda tem pétalas de areia,  
este poema ainda tem orquídeas violeta  
aconchegadas nas sombras da luz)

Entre as correntes da maré  
as palavras ainda ditam ondulações  
de uma viagem sem pé,  
à qual nos disseram que teria fim  
lá perto, junto dos confins absolutos.

O nosso remoinho ainda tem sabor,  
esta fábula ainda tem castelos caídos:  
a encosta ainda sobe alta  
e o precipício, ainda desgraçado  
rasga este abismo que fura o céu da tua boca.

Nestas escuras nuvens, contemplo a chuva das  
[memórias  
inundando o que resta das asas apaixonadas  
que deixámos à beira da estrada  
para irmos viajar por estradas inconcebíveis!

Lá fomos,  
escondendo raios de sol,  
guardando lâminas d'amor,  
pairando sob pálpebras da juventude –  
sorrindo enlouquecidos,  
perfumando labaredas de cigarros.

## Resquícios

---

O teu mundo arde nas minhas mãos  
enquanto a música morre aos nossos pés.

O antigo gira-discos não trava os cigarros,  
os teus dedos celestiais roçam na madeira  
[escarlate,  
enrugados do compromisso dos amores  
[passados.

Não entendo o porquê,  
não entendo o como,  
mas sei o sabor  
de te perder,  
de ter de escolher  
entre saber  
ou  
aprender que esta Dor que nunca mais passa  
irá libertar Lágrimas que secarão à flor do céu,

mas

agora

agora  
rodopia meu amor  
contra o meu peito,  
contra a mentira que o mundo nos contou:  
essa verdade crua  
mói que não perfura.  
Na silhueta da paixão – entre os dentes pretos  
[da morte –  
parte ao longe do paraíso, foge para a  
[margem,  
corre para junto de mim

com o comboio a fumegar,  
destrói o que fomos,  
constrói o que serás  
numa lenda sem mim.

## Razão e Sentir

---

- Será que nós podemos voltar a ser?
- Mas a ser o quê?
- A ser, o simples existir
- Não sei o segredo do ser
- Está escondido entre as nossas pétalas,  
[sabes?
- Quais? daquelas que nunca deram fruto?
- A tua crueldade assume teatro no meu  
[sorriso
- Como assim?

Não te sabes explicar.  
Eu não te quero mudar  
eu não te quero desconstruir.  
Quem sabe o que já passaste.  
Alturas em que o norte e o sul eram miragens,  
peitos descobertos ao vento,  
maçãs e laranjas no pomar ao fundo dos teus  
[olhos.  
E tudo o que pude fazer, deixei para ti,  
para tu te encarregares do que vinha a seguir  
[somente.  
Gritos de juventude ao longo da negra calçada  
e lá ao pé do rio esquecíamos o amanhã.

## Por onde começar?

---

Por onde começar?  
Quando ouviste que o último Homem livre  
[tinha morrido?  
Será o destino a prova de fogo para o sucesso  
ou  
as últimas gotas  
do perdão da musa  
que sofrem e fogem  
para longe da fama,  
onde pássaros vão morrer.  
Qual é o sítio onde a tristeza casa com a arte?  
Qual é o poema que brilha na solidão?

Com que frequência choras,  
quando vês a beleza celestial  
da morte  
passar ao lado da frívola paixão jovial?

Com que frequência sorris,  
quando olhas o espelho  
que um dia te disse, em tom barítono,  
"espreita nas entradas da escuridão e verás a  
luz."

## Nua e crua

---

Nua e crua vens ao meu encontro  
com um punhado de chuva.  
com lábios em chama,  
com terra solta nas palmas dos pés,  
com folhas presas nos fios dos cabelos,  
com novelos de trigo na orla da bacia,  
com vento nos olhos,  
com glaciares junto aos seios perfumados,  
com frutos do bosque pendurados sobre os  
[braços.

E tudo em ti é natureza  
simples  
                  verdade  
                                  delicada

e tudo em ti é Sul.

Um agosto chuvoso  
onde as lágrimas são sol  
e as areias do passado  
desembocam nuas na encosta  
do meu peito.

## Ao pequeno-almoço

---

Ao pequeno-almoço,  
sujos e escondidos no teu quarto  
lembro-me que a manteiga do nosso sal  
simplesmente foi uma miragem  
que nos levou para um divórcio antes do  
[tempo,  
e que o café e os cigarros foram lembranças  
do diabo.



## No mar

---

Mar que me esperas,  
saberás hoje adivinhar  
revolução que me levas,  
serei hoje teu?

Cabeça na lua, coração no mar.  
Almas que navegam em contramão.  
Será sempre assim?

Ondas de rebelião,  
juventude perdida nas  
profundezas da escuridão,  
amanhã o que trará?



## Voando

---

Chega a hora de escrever mais,  
a doce hora de me entregar a ti.  
Nunca soube bem o que te dizer,  
nem sei quem sou  
quanto mais  
o que te devo, no fim das contas,  
paguei sempre eu o preço da tua charmosa  
[morte,  
e tenho um sentimento de estar a voar  
com medo de ser só mais um na tua alçada,  
com desprezo de seres só mais uma.  
com sarcasmo de sermos únicos um para o  
[outro.  
Mas isso nunca me impediu de te escrever,  
tentar arranjar palavras para descrever  
o que somos.  
O que me faltou foram sentimentos para  
[expressar,  
fotografias do nosso amor que se queimaram  
[como lenha  
lentamente na capa dos nossos segredos.  
Minha real rainha  
do que esperas?  
De mim ou de ti?  
Projetas nos teus quadros a essência greco-  
[romana,  
a poesia eclesiástica de uma ovelha  
que berra ao fim da manhã para dentro do  
[meu quarto  
daquele que foi nosso.



## Chuva

---

Roubei estrelas para ti  
numa noite que só fomos nós.  
Frio e chuva caíam fora da janela do quarto,  
éramos uma miragem  
num aquário de sangue e gritos.

No deserto da tua mente,  
gélida água era o teu sorriso,  
inundação d'alma eras tu,  
mas areia branca em pó era eu.

A verdade é que nunca fomos totalmente sós  
no planetário da história nossa,  
somente havia dois pássaros  
que não éramos nós, decerto  
não eramos nós.

Fomos Lisboa, fomos Paris,  
mas não fomos fome,  
não fomos guerra.  
Não se alcança a chama eterna  
sem um pouco de treva.



## Tivemos azar

---

Nesta noite despedimo-nos  
dissemos adeus  
e nunca uma palavra pesou tanto;  
guardámos beijos para depois  
e uma rosa nunca morreu tão rápido.

Nesta noite rimos,  
sorrimos e brindámos ao futuro,  
mas sem nós,  
a um futuro distante  
noutra galáxia  
onde a bebida e as lágrimas não se  
[misturaram,  
onde fomos nós,  
onde no altar não me fugias da mão,  
onde podia descansar no teu peito  
e sentir o teu respirar uma última vez  
violentamente contra mim.

Estás acordada?  
Mas tu não respondeste.  
Não chegámos a ir aquele concerto,  
mas não te esqueças:  
a música dentro de ti,  
para mim,  
será sempre a última sinfonia que vou ouvir.

O nosso requiem,  
a tua voz, os violinos,  
os teus lábios, os sopros,  
os teus olhos, as águas das teclas.



## O autocarro

---

Sento-me à beira do penhasco que é o mundo  
e ouço a distante melodia que vem lá debaixo.  
Pouco ou nada se ouve.

Por escassos momentos torna-se e nítida,  
mas a maioria do tempo está completamente  
[vazia de som.

Porque será que apenas a oiço quando me  
debruço sobre o precipício?

A tangência entre a vida e a morte está à  
distância de uma nota de violino.

As folhas mortas do inverno tocam-se em tons  
azuis magistrais.

Longas pinceladas de piano invejam a subtileza  
da nudez das cordas.

Curtos toques de tambor vão domando o ritmo  
passageiro dos pés.

Vão brilhando à luz de noite enquanto os  
sopros vão ressonando em francês.

E lá vais tu, passeando junto à margem do rio,

lá em baixo?

Cá de cima vejo-te chorando,  
por saber que a música

que ouvia

era os tempos do teu coração esquecendo o  
meu.



## Chopin chorando sob o mar

---

O nosso livro queimará os polegares destas  
pétalas.  
De súbito, fugirá aos moços  
que na correria matinal  
sobem as colinas da inocência  
em busca d'algo para além do amor maternal.

(Para onde irá a nossa paixão – por onde  
ardeu o nosso gélido olhar)

Algum dia ainda me hás de contar a estória da  
tua infância,  
e assim saberei o sabor da tua semente, o  
ardor do teu ninho,  
lembrar-me-ei das ninfas dos contos, dos reis  
e príncipes,  
das antíteses e dos estrondos, dos  
[desaparecimentos e despiques.

Onde o teu olhar for, até onde o horizonte se  
[estender,  
onde só a memória souber escavar,  
irei colher um punhado de ambrósias,  
e sob o lento mar  
provarei a salgada areia do teu ser.



## A riqueza

---

Por entre os rios,  
duas sombras se encontram,  
riem uma para a outra e  
depois voam com o vento.

Por entre os mares,  
duas almas se beijam,  
morrem lado a lado e  
depois sofrem nas rochas.

Por entre os desertos,  
dois seres se revelam,  
nus saem para o outono e  
depois do inverno vem a vitória.

Esta riqueza dos beijos, dos encontros, dos  
[confrontos  
apenas ao desconhecido sabe sorrir,  
pois tem a consciência de que os dias passam  
[a correr  
e somente na lentidão do incêndio pode existir.



## Com urgência, por favor

---

É urgente viver.  
Não só nascer e morrer,  
mas o que acontece no meio desses dois  
[fenómenos  
não se pode desperdiçar.  
Grita, corre, brinca.  
Repete comigo –  
corre, grita, sente.

É urgente fazer amor.  
Não só despir e vestir,  
mas sim fazer a chama perdurar na escuridão,  
perpetuamente deixar os corpos suar, florir,  
[desabrochar.

Pois,  
é urgente fazer amor.  
Não só abrir e fechar,  
mas sim, sim, sim, sim!

É urgente sofrer.  
Não só viver e fazer amor,  
mas sim o que acontece no vazio, no silêncio.  
É importante deixar se ir, ao fundo do poço  
onde nos podemos levantar e de novo repetir  
todo este processo que é sentir.



## A ciência que abre janelas

---

A noite chegou cedo,  
ainda os melros gritavam, agonizando o  
[adormecer do sol.  
A criança em ti brincava às escondidas com as  
[sombras das árvores,  
rodopiando contra o meu peito  
escondias uma cotovia debaixo dos braços  
contestando o porquê da nossa existência ser  
[febril:

a juventude ser uma morte eterna,  
a filosofia cognitiva estar em decadência,  
as emoções domarem o Mundo, como se uma  
[bolha invisível,  
ténue e enferma, governasse a nossa alma.

Lá estavas tu, a preconizar uma marcha  
[cantante –  
de encontro à parede, ao espelho, ao chão.

A ciência para ti é inútil;  
só serve para abrir janelas e para cometer  
[suicídio,  
ato esse que se deve aos elementos estarem  
[instáveis.  
"As águas da mente entram em conflito  
com os fluídos do corpo", dirias tu

e assim,  
sem preconceitos e julgamentos,  
a noite chegava, mais cedo que o habitual,  
e todos os animais saíram à rua – a abrir  
[janelas para o mundo!



## A caçula

---

Saudade  
que destrói e não magoa.  
Melancolia  
que vinga e não atenua.  
Noite  
que perdura e não arrefece.  
Ricochete  
que finge e não desaparece.  
Sofrimento  
que alberga e não oferece.  
Verso  
que rima e não padece.  
Estrofe  
que inexistente e não orgulha.

## A dança

---

Dança comigo só mais uma noite,  
depois poderás voar sem rumo, uma vez mais,  
poderás sentir o vento gritar-te aos ouvidos,  
poderás embriagar-te em lilás e em chuva  
[quente.

Dança comigo só mais uma noite,  
a seguir irás encontrar-te com os marinheiros  
[da boémia,  
irás encontrar-te de novo com o vulcão do  
[prazer,  
irás encontrar-te de novo com a eterna  
[juventude.

Dança comigo só mais uma noite,  
logo saberás o que é perder, mais uma vez  
saberás qual é o peso do desamor,  
saberás de cor as escassas gramas da paixão.

Dança comigo só mais uma noite,  
de imediato os beijos da imaginação virão para  
[te prender,  
de imediato os gritos etéreos virão para te  
[lembrar.

Que o nosso amor será só mais uma página,  
será só mais um percalço na científica estória  
[do mundo.



## Senta-te e ouve

---

Quando entrares num coração  
espera, não te precipites,  
dá os passos com cuidado,  
escuta o seu batimento, a sua música, o seu  
[ritmo,  
lembra-te que é a casa de alguém:  
não entres a matar; não entres a destruir;  
descobre como amar;  
descobre como florir.  
Mesmo que o poema que escreveres nos seus  
[vasos  
seja curto e sem rima, continua a ser um  
[poema  
que vai bombear na eternidade  
o sangue que disparará por entre as feridas  
[futuras –  
porque um poema deixa sempre a sua marca,  
durante o dia ou durante a noite,  
durante a felicidade ou durante o sofrimento,  
por isso lembra-te, senta-te e ouve:  
o coração d'alguém é o mais precioso fruto  
do inerte pomar que é a sociedade.



## Lisboa

---

Pelas tuas ruas me perco.  
Nas quimeras da ilusão  
esqueço-me, e perplexo  
começo de novo pelas tuas entranhas.

Pelas tuas calçadas me lembro  
de que ser incompleto-imperfeito  
é de todo  
a melhor forma de ser.

## O desconhecido

---

Se é a voz de Deus?  
A realidade namora o egotismo,  
a natureza é o mistério  
onde o Homem tentará desvendar  
até quando sentir Hades assobiar.

Se é o calor da Liberdade?  
Depois do horizonte vem a loucura,  
sempre serás uma caverna inundada de  
[horrores  
onde sentes o peso do passado  
enaltecer as tuas fúteis dores.

Se é a saudade o motor?  
A memória é a maldição perpétua,  
governada por um cego pastor  
onde nesta fantasia que flutua  
no rebanho se esconde o amor.

Se a morte é cruciante?  
O desconhecido é um covarde!

A vida é um viajante perdido  
– sejamos realistas,  
nascemos da litúrgica cópula,  
morremos nos lençóis de um doido varrido.



## Poço

---

Reencarnei num poço invisível no teu mar,  
uma fossa quebrada ao longo do teu ser,  
surgi numa memória perdida ao altar,  
num passado impossível de sarar.

Escuridão minha invadiu o teu mundo,  
paradoxos dormentes fizeram lembrar  
medos escondidos no fundo  
sem âncora para travar.

Sou um abismo que não queres ver,  
desbravei caminhos sangrentos,  
viajei por histórias vazias de nascer  
reinadas por podres monumentos –

sobre as marés inconscientes  
desejo beber a tua loucura,  
em todas as verdades alucinantes  
rompereis por todas as caves da amargura:

serei sempre teu poço,  
serei sempre tua cura.



## Desejo

---

Vem sentir comigo – o início da mudança.  
Nos teus olhos: à tua frente.  
Nos teus ossos: o primeiro berro de vida!

Vem saber uma coisa: a lua carrega um  
[mistério  
que rasteja entre os prédios e calçadas,  
mas renasce nos telhados, nos tijolos, no ser

quando flutua por cima das nuvens  
por cima do que foi a tua mísera alma  
faz-te lembrar o porquê de a morte ser só  
[mais um desejo.



## Ser

---

Serei um naufrágio passageiro,  
rezando em dogmas ao oceano escuro,  
saudando um marinheiro sem embarcação.

Serei uma cidade sem mapa  
rodeado por um país esquizofrénico,  
repleto de abismos,  
armadilhas onde habitantes meio-mortos  
comem e bebem mágoas,  
enquanto dançam quietos ao som das  
[memórias?

Serei um poema sem rimas  
escrito por um ébrio sonolento  
que inventa palavras/manchas de literário  
[vômito.

Serei cinzas atormentando as fábulas dos  
[deuses?

Serei um beijo esquecido, que nem Vénus se  
[lembrou?

Serei um coração mendigo, que nem o futuro  
[ferrou?

Serei um caminho ardido, que nem o vento  
[criou?

Serei um quadro tingido, que nem o artista  
[pintou?



## Nós

---

Minha boca é gelo.  
Meu coração é água.

Tua alma é fogo.  
Teus lábios são lenha.

Nós,  
lá no rio,  
perdidos e achados  
da mesma foz viemos.

Desencontrados.

## Cadáveres estagnados

---

Pairávamos na brisa do verão,  
roendo as manhãs da juventude,  
lendo histórias do sonho  
pelo porão da mente incrédula.

Desconheciam(-nos) o rosto,  
bebiam loucamente-fragmentados  
esta realidade da vida  
num trago de sobriedade,  
num banho de desespero...

Que tormento!

Ó mocidade, tão louca que és  
nas pálpebras das marés.



## Voar

---

Na janela daquela casa velha e triste  
ascendia o nascer do sol.

Pela manhã ecoava um bocejo ingénuo  
enquanto pássaros agitados passeavam  
à volta das flores, contemplando as vistas da  
cidade.

“Quem me dera ser como eles”, pensavas tu?

Livres,  
esbeltos,

pelo menos, aparentemente alegres.

Este mundo que nos rodeia  
é o nosso lar, a nossa paixão;  
onde o desconhecido descansa  
no horizonte da minha prisão  
é a tua liberdade.

Deixa-me voar contigo,  
contemplar a minha morte  
junto dos paralelos  
contra o meu corpo,  
beijar o espírito  
ao teu lado  
para sempre.



## Por favor

---

Saudades dos teus lábios.  
Saudades da tua boca  
gelada no frio de inverno.

O teu coração ebulido nas minhas mãos  
[gélidas  
ao sabor do meu  
"por favor"  
nas noites do licor de nevoeiro.

Agora,  
a tua beleza foge-me das veias,  
os teus olhos são caridade na minha escuridão,  
as tuas pernas são comboios paralelos  
que afugentam os perdidos,  
que encontram os lábios esquecidos,  
os beijos quentes, sujos,  
espirituais.



## O Cachimbo

---

Fumas num trago profundo  
destruindo a alma numa nuvem cega.  
Numa ponta os dentes da morte,  
na consciência a fossa da loucura,  
o cachimbo que fumas  
longo, comprido – dura de roer  
é a sabedoria que transpiras,  
essa mesmo,  
a que foge por entre as roldanas do  
[pensamento.

Morre! Afasta-te de mim  
Moçambique que amo,  
África que já não vi.



## Explicação inexistente

---

Por todos os mares que navegámos  
contra remoinhos em contramão,  
por todas as flores que cheirámos,  
o que será de nós na próxima canção?

Por todos os estranhos que esfumámos  
contra becos e calçadas fugitivas,  
por todas as peças que encenámos  
o que será de nós nas ações primitivas?

Amor, que corres hoje envolta nos ventos da  
[liberdade  
apazigua-me: como é não ser escrava desta  
[paixão?  
Eu, que hoje estou preso entre a mentira e a  
[verdade,  
Esclarece-me: como é não ser alvejado pelo  
[próprio coração?

Um dia saberás como é voar entre as marés da  
[solidão  
sem teres que te preocupar com o passado  
[constante

(que me agarra)  
e te faz lembrar o porquê  
de a morte ser somente um futuro distante  
(que me leva)  
para os confins do verão  
onde o inverno é uma miragem  
que faz esquecer a razão das folhas caídas  
terem sido sementes da irrealidade.



## Casa

---

Vem para casa.  
Volta para onde nascem as tuas lágrimas.  
Volta para onde os demónios morrem e os anjos prosperam.  
Volta para os lençóis que fizeram de ti a mulher que és hoje.  
Volta para os recantos do nosso jardim, onde todas as flores já morreram.  
Volta para onde regressam as almas perdidas nos confins do mundo.  
Volta para onde os espíritos regam os copos vazios.  
Volta para onde os rebanhos são negros, e sem pastor.  
Volta para as paredes sonâmbulas que falam entre si ao romper do dia.  
Volta para os quadros, arte de ouro vencedora do prémio do pó.  
Volta para nós.  
Volta para os regaços matinais,  
nus,  
descobertos,  
reais,  
palpáveis.

Mas,  
se te perderes,  
não voltes.



## Mar Violeta

---

Estou com um pé na sombra e outro na luz.  
Encontro-me entre as trevas da lucidez,  
entre as brumas luzes da loucura.

Relativizo o amor ao som das tuas orquestras  
[mudas.  
Estilhaço-me contras as rochas surdas das tuas  
[rosas.  
Descubro-me nas embarcações vazias das tuas  
[páginas.

Enquanto me afogo num mar violeta,  
as nossas memórias são ancoras do passado,  
carregando os postais de infernos futuros.

Entretanto, ao ver-te passar no aquário social  
recordo-me dos feixes do teu corpo,  
das sombras sonhais dos teus lábios  
– a verdade do teu sorriso –,  
os contornos florestais do teu ventre

À minha espera numa noite ventosa  
onde toda a tua sincera estória  
desenha escarlates azulejos  
que se destroem ao nascer da manhã seguinte

e tudo começa de novo, singelo, belo, repleto  
de um mistério insaciável.



## Desconstrução

---

O nosso coração bombeia petróleo sob a forma  
[de lágrimas –  
nossas lágrimas inundam as poças das almas –  
nossos ossos escrúpulos do vento vagueiam  
acesos sobre os cemitérios fluorescentes –  
as nossas pétalas descobrem manifestos  
escondidos em revoluções inacabadas –  
as tuas mãos escondem abismos que sangram  
[no meu peito –  
e por entre todos os nossos vem o teu e o  
meu,  
que fogem a paisagens mundanas,  
círculos infinitos,  
amor em palavras descritas em prosa.  
Nunca chegará - latim no mar descarrilado  
contras as rochas do meu querer.



## Para Beringel

---

Beringel, amor que nunca vi,  
por forasteiros caminhos te quis sentir.  
Alentejo, velho pai não morri!  
Estou apenas a chorar, alegria de me rir.

Oh terra d'amor, que me estais fazendo?  
Sou jovem, sou fulgor,  
sou um velho em corpo d'andamento.

Minha amada, a correria do centro  
tem que esperar.  
Neste momento  
meu coração de oiro  
olha na estrada o movimento  
que o vento lá vai a passar.



## DesAlegria

---

Nos recantos do nosso quadro  
as manchas ainda se notam.  
No dia do meu parto  
as notas violetas ainda descansam.

Esperando a chuva de oiro,  
sorte ou dessorte minha,  
saber bem o que é viver às escuras  
numa terra de vai vem não volta.

Nas nossas tintas ainda sobra pão.  
Entre orquídeas ainda pétalas caem  
não no outono, mas sim no verão.

Esconder-me no fundo da tua gaveta  
por baixo da cama lá estarei.  
Monstro sim.  
Monstro não.

Mas lá estarei  
para mais tarde saber recordar  
o que não quiseste viver!



## Mágoa

---

Sinto falta do teu amor.  
Pela manhã, dos teus braços enrolados nos  
[meus.

Pela tarde, do teu fervor.  
Pela noite, dos meus lábios colados aos teus.

Sinto falta da tua mágoa.  
Pela manhã, dos nossos desejos febris.  
Pela tarde, de ser madragoa.  
Pela noite, dos Luxemburgo e de Paris.

Sinto falta da minha paixão.  
Pela manhã, dos celestiais destroços.  
Pela tarde, do teu coração.  
Pela noite, dos comboios em alvoroços.

Sinto falta de tudo,  
da paixão, do lodo, da remissão,  
de todas as vezes que nada  
significou o universo em expansão  
ou quando o tudo  
significou um grão de areia  
na nuvem romântica dos sonhadores  
que se deixou cair sobre a água mundana  
inundando o mundo de lendas e ambições.  
Tudo por ti, tudo por nós,  
mesmo quando nos perdemos  
e cobicei sermos os últimos seres humanos na  
[terra.



## O Abraço

---

Quando partiste, uma chama se apagou  
como dos infernos se fundisse a luz sombria.

Os teus olhos alternantes entre os meus lábios  
e o meu espelho,  
tão nu aos teus encantos, perderam-me para  
sempre nas tuas lendas.

Na minha fraqueza o beijo do passado e o  
encosto do futuro  
lutavam em contrapartida contra o nascer do  
sol e o meu profundo ser.

No meu sono surgiu o abraço que tantas vezes  
[demos,  
tão poucas foram as vezes que o teu peito se  
fundiu com o meu  
como se de uma metamorfose labiríntica se  
unissem os nossos corações  
e eu para sempre chorarei na quimera do que  
foi o nosso amor:

uma tarde de outono escondida entre os  
umbrais da aventura,  
uma manhã de domingo à lareira das nossas  
[cartas,  
uma noite de verão em loucura celestial, nunca  
perdida, nunca esquecida.



## O que seremos?

---

A memória da tua voz, de tão efémera ser,  
fez-me perder a vontade de acreditar  
que algum dia irei voar,  
que chegarei a ser.

Os teus cabelos doirados, de serem tão belos,  
questionei a Deuses e Musas  
os motivos e as causas  
destes sinos tão singelos  
soarem como a tua canção:

contra o meu coração,  
contra o vento que sopra forte,  
onde se esquece a paixão  
sem nome – sem passaporte.

Onde se encontra aventura  
por onde cicatrizes rastejam,  
lá estará a minha alma,  
por entre os mantos nua  
contendo a razão crua  
para te amar, como te amo, assim:

numa cumplicidade etérea,  
enternecendo em eloquências,  
palavras que marcam,  
ações que ficam,  
beijos que se perdem  
que vão de encontro ao pó e à cinza –  
e que nessa poeira mortífera  
a transformam para sempre em vida!

Algures num futuro perto  
iremos sorver tal ar d'amor e saberemos

---



que seremos eternos,  
não em carne e osso,  
mas sim em universo,  
em pedra filosofal,  
em grego e latim,  
em utopias infinitas – viveremos para sempre.



## Nos teus olhos

---

Ó mar que caminhas sem fundo,  
qual será o teu desejo mais íntimo  
que governa as tuas preces de marinheiro  
[esquecido?

Ó rio donde desaguam todos os amores,  
por onde navegam as almas que desistiram do  
[fogo  
que aquece nossos seres na chuva eterna?

Ó lago inerte onde paira todo o gelo,  
em que águas saberei existir tal melodia  
que encanta todas as musas para lá do Oeste?

Ó maresia que acalma o meu furor,  
por que areias escondem tais segredos  
onde se perde a paixão e se revoltam as  
[areias?

Em que praia estarei amanhã?  
Em que vento soprará a minha elucidação  
de um dia te poder ter ao meu lado?  
Só mais um dia  
poder ver nos teus olhos  
todas as cores de algum universo.



## Ebulição

---

Quando os nossos olhos travam o sabor  
desta amargura que cresce dentro de mim  
em ebulição, crescem todos estes monstros  
com medo de subirem a escada da noite.  
Em escuridão trepam às paredes todos os  
[jogos,  
brincadeiras de criança  
que fizemos enquanto sofregamente  
[chorávamos  
ao som de todas as nossas memórias

Eu esperei por ti,  
Como se de um relógio se tratasse toda a  
[impaciência.

Nesta hora,  
vai e leva contigo a lágrima da inocência,  
o riso que te dei, trá-lo ao tiracolo  
e na penumbra do carrossel  
sente comigo mais uma vez,  
sente só o carinho dos meus braços,  
das nossas vozes em uníssono,  
dos nossos poderosos gritos;  
pela cinza de um cigarro  
leva o fumo que me rompestes  
quando de uma mulher  
somente se tratava o meu ser,  
e transforma-me nessa preciosa  
pérola escondida  
nos fundos dos teus oceanos,  
nas profundezas do teu poço

e transporta-me para os meus medos,  
quimera recolhida,  
flor indescoberta,



tristeza em magnífica cor,  
  
e leva-me para longe da minha  
repressão  
sangue em fúria:  
  
ponte para o mundo,  
  
sê o rio onde todas as coisas,  
todas as insignificâncias  
molham o meu corpo nu;  
  
sê a maresia onde todos os detalhes,  
todas as verdades  
enxaguam as minhas frágeis rochas;  
  
sê,  
para sempre,  
as lágrimas que iluminam,  
os risos que escurecem,  
os olhares que envelhecem,  
os amores que contaminam.



## ÍNDICE

Orquídeas	3
Resquícios	5
Razão e Sentir	7
Por onde começar?	8
Nua e crua	9
Ao pequeno-almoço	10
No mar	11
Voando	12
Chuva	13
Tivemos azar	14
O autocarro	15
Chopin chorando sob o mar	16
A riqueza	17
Com urgência, por favor	18
A ciência que abre janelas	19
A caçula	20
A dança	21
Senta-te e ouve	22
Lisboa	23
O desconhecido	24
Poço	25
Desejo	26
Ser	27
Nós	28
Cadáveres estagnados	29
Voar	30
Por favor	31
O Cachimbo	32
Explicação inexistente	33
Casa	34
Mar Violeta	35
Desconstrução	36
Para Beringel	37
DesAlegria	38
Mágoa	39
O Abraço	40



O que seremos?	41
Nos teus olhos	43
Ebulição	44

# João Belchior



Vinte e cinco anos passaram desde o meu nascimento. Inconstante viagem poderia contar para descrever quem sou. Em prosa nunca me expressei bem. Acordo tarde e deito-me tarde. Escrevo (quase) compulsivamente. De Boémia será o meu segundo nome e Das Mortes o último. Aprecio o Inverno, mais do que o vitaminoso Verão. Sou extrovertido, segundo um teste peculiar virtual. Posso dizer que amo a minha família, os nasceres do sol e os paradoxos. Licenciiei-me em Psicologia. Tenho um riso fácil e utópico. Não sou

bom a escrever autobiografias. Muitas vezes navego por onde o vento me leva. Amo o amor na sua forma mais pura e inocente. Nunca tive grandes notas a português no ensino escolar. O resto está tudo dito acima, nas palavras, poemas, rimas, versos que acabaram ou irão ler.



Colecção

# digit@lmente

*Título:* **JANELAS PARA O MUNDO**  
*Autor:* **JOÃO BELCHIOR**

*Edição:* **Catarina Lemos em Maio de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contactos:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.net](http://www.elefante-editores.net)**

Editores de Poesia desde 1997

